



Recebido em: 21/09/2016

Aceito em: 03/10/2016

A IMAGEM DE MOISÉS NO MUNDO HELENÍSTICO

THE IMAGE OF MOSES IN THE HELLENISTIC WORLD

Willibaldo Ruppenthal Neto*

Mestrando – UFPR/NEMED

Bolsista CNPq

<http://lattes.cnpq.br/8006355035725726>

Resumo: Este artigo visa apresentar as transformações da imagem de Moisés no mundo helenístico, elencando uma série de fontes egípcias (Manetão, Lisímaco, Querémom e Apião) e greco-romanas (Hecateu de Abdera, Estrabão e Pompeu Trogo) sobre a história do Êxodo, enfatizando não somente as tradições literárias presentes nestes como ainda as caracterizações de Moisés, que ganha aspectos completamente opostos nos relatos, sendo apresentado em perspectiva negativa como um leproso charlatão e sacrílego por um lado, e por outro em perspectiva consideravelmente positiva, enquanto um legislador ao estilo grego.

Palavras-chave: Moisés. Êxodo. Mundo helenístico. Judaísmo do Segundo Templo.

Abstract: This article aims to show the Moses' image transformations in the Hellenistic world, listing a series of Egyptian (Manetho, Lysimachus, Chaeremon and Apion) and Greco-Roman (Hecataeus of Abdera, Strabo and Pompeus Trogus) sources about the Exodus story, emphasizing not only the literary traditions present in these but also the characterizations of Moses, which had completely opposite ways in the accounts, being presented in a negative perspective as a charlatan and sacrilegious leper on the one hand, and in a considerably positive perspective as a legislator in the Greek style on another.

Keywords: Moses. Exodus. Hellenistic World. Second Temple Judaism.

* Aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob orientação do prof. Dr. Renan Frighetto, com o tema "As origens políticas da ressurreição: a história da ideia de ressurreição no pensamento judaico do período pós-exílico e seu uso no discurso político de 2 Macabeus 7". Graduado em História pela UFPR e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Bolsista CNPq. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com

Introdução

O mundo helenístico, dos tempos de Alexandre, o Grande, aos tempos do Império Romano, é marcado pelo desenvolvimento de uma nova estrutura cultural, enquanto resultado da fusão e difusão das várias culturas, em um processo de apropriações, transformações e readequações, inclusive de elementos religiosos. Um grande exemplo neste sentido é Moisés que, apesar de ser um personagem próprio da tradição religiosa judaica, será apresentado de diferentes formas por inúmeros autores judeus que trataram de dar suas próprias versões do Êxodo¹. Dentre estes diferentes relatos, estabeleceram-se variados retratos de Moisés, o qual é apresentado de acordo com diversos padrões literários e mesmo diferentes propósitos culturais, que lhe definiram novos traços, e lhes legaram novas cores. Assim, a imagem de Moisés no mundo helenístico foi, entre autores gregos, romanos e egípcios, um ponto de confronto entre diferentes versões e de afluência de determinados padrões culturais.

A IMAGEM DE MOISÉS NO RELATO DE HECATEU DE ABDERA

Um dos textos mais importantes para a compreensão do desenvolvimento da imagem de Moisés no período helenístico é o relato de Hecateu de Abdera a respeito dos judeus, uma fonte importante para os próprios autores gregos na etnografia helenística². Este relato, que provavelmente fazia parte da obra *Aegyptiaca* de Hecateu (séc. IV-III a.C.), foi conservado em uma citação de Diodoro Sículo (séc. I a.C.), preservada em uma obra enciclopédica do bizantino Fócio (séc. IX d.C.)³, cuja tradução⁴ segue abaixo:

[1] Em tempos antigos, quando uma peste se alastrou pelo Egito, o povo simples atribuiu a causa de seus males à intervenção divina, pois, como havia muitos estrangeiros, de todas as partes do mundo, que viviam no meio deles e tinham diferentes costumes a respeito da religião e dos sacrifícios, seu próprio culto ancestral dos deuses deixou de ser observado.

[2] Por causa disto, os nativos da terra entenderam que, a menos

¹ Pela enorme quantidade de relatos de Moisés no mundo helenístico, é tanto impraticável como pouco efetivo elencar todos, de modo que este artigo tratará apenas os relatos mais importantes. O famoso livro *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*, de Menahem Stern (1976) apresenta um total de 160 relatos Greco-romanos a respeito dos judeus. Como bem lembra Gohei Hata, “muitos, tanto diretamente como indiretamente, mencionaram Moisés ou o Êxodo” (Hata, 1987: 180). A este número teria que se incluir os inúmeros textos judaicos do período helenístico a respeito de Moisés. Pesquisas mais amplas que o presente artigo são: Gager, 1972, a respeito de Moisés em autores greco-romanos; Meeks, 1967: 100-257, sobre Moisés na literatura judaica helenística.

² Segundo Bezalel Bar-Kochva, Hecateu se tornou “um tipo de vulgata na qual autores posteriores passaram para obterem informações sobre os judeus” (Bar-Kochva, 2010: 90).

³ Hecateu de Abdera, *Aegyptiaca* apud Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 40.3 = Photius, *Biblioteca Cod.* 244 = F9R = FrGH III A264 F= 13 Müller = 9 Reinach = 11 Stern.

⁴ Nossa tradução. Texto em: Stern, 1976: 26-35 (Stern 11); Bar-Kochva, 1996b: 19-21; Bar-Kochva, 2010: 100-103; Reinach, 1895: 14-20; Walton, 1967: 281-283.

que os estrangeiros fossem removidos, seus problemas não seriam resolvidos. Imediatamente, então, os forasteiros foram banidos daquela terra, tendo os mais distintos e competentes se juntado em grupos que foram expulsos, alguns dizem, para a Grécia e outros lugares, estando sob líderes notáveis, dos quais os mais famosos são Dânao e Cadmo. A maioria, porém, se dirigiu ao que hoje se chama Judeia, que não é distante do Egito e que naquele tempo se encontrava completamente desabitada.

[3] A colônia foi liderada por um homem chamado Moisés, que era notável em prudência e em bravura. Tomando posse da terra, ele fundou muitas cidades, dentre as quais aquela que atualmente é a mais famosa de todas, chamada Jerusalém. Ele também construiu o Templo pelo qual eles têm a maior veneração, instituiu as formas de adoração à divindade e seus rituais, e estabeleceu a forma de sua constituição. Ele também os dividiu em doze tribos, por considerar este como o número mais perfeito e correspondente ao número de meses que formam o ano.

[4] Mas ele não fez qualquer imagem de divindade, pois ele acreditava que deus não possuía forma humana, mas que apenas o céu, ao redor da terra, é o único deus e senhor de tudo. Ele estabeleceu sacrifícios e um estilo de vida que diferem daqueles dos demais povos, pois como resultado de sua própria expulsão ele introduziu um modo de vida antissocial e inospitaleiro. Ele escolheu os homens mais talentosos e mais capazes para liderarem todo o povo, os quais nomeou como sacerdotes, e prescreveu que deveriam se ocupar no cuidado do Templo e na adoração e sacrifícios à divindade.

[5] Ele também apontou estes mesmos homens como juízes para os casos mais importantes, e lhes confiou a guarda da lei e dos costumes. E por isto nunca (houve) um rei dos judeus, mas a liderança da população é sempre confiada ao sacerdote em que for encontrado maior prudência e virtude. Eles chamam este homem de sumo-sacerdote e acreditam que ele se torna um mensageiro dos mandamentos do deus para eles.

[6] É ele (sumo-sacerdote)⁵ quem, nas assembleias e em outras reuniões, pelo que é dito, proclama o que é ordenado, e que tem dos judeus tanta obediência neste aspecto, que eles imediatamente se prostram ao chão e fazem reverência ao sumo-sacerdote enquanto este interpreta (a lei) para eles. Até mesmo está anexado no final de suas leis a declaração: “Quando Moisés ouviu de Deus estas coisas, as disse aos judeus”⁶. O legislador dedicou muita atenção às questões militares, forçou os jovens à prática da bravura e da resistência, e de modo geral, ao fortalecimento em toda dificuldade.

[7] Ele realizou expedições militares às terras dos povos vizinhos e, tendo conquistado muitas terras, repartiu as terras conquistadas entre a população, prescrevendo loteamentos iguais aos cidadãos comuns, mas concedendo lotes maiores aos sacerdotes que, recebendo maiores rendimentos, podiam concentrar-se e cuidar continuamente do culto do deus. Não era permitido aos cidadãos comuns a venda de seus lotes, a fim de que não houvesse alguns que, comprando-os gananciosamente, oprimissem assim aos pobres

⁵ Nos demais casos a expressão “ele” faz referência a Moisés.

⁶ Aqui, Hecateu parece fazer referência a uma passagem de Deuteronômio (29.1). A expressão “no final de suas leis” parece indicar uma referência ao Pentateuco (*Torá*) como um todo, tendo Deuteronômio como último livro, cf. Bremmer, 2010: 49. Caterina Moro (2009: 129) contesta esta ideia, afirmando que a referência somente poderia ser relacionada a Levítico 26.46, 27.34 ou Números 36.13, e que o texto de Hecateu indica desconhecimento ou não reconhecimento do livro de Deuteronômio por parte de seus informantes (Moro, 2009: 130).

e causassem uma diminuição na população.

[8] Ele forçou os que viviam na terra a criarem seus filhos, e como as crianças podiam ser criadas por baixos custos, o povo dos judeus foi sempre populoso. Práticas relativas ao casamento e ao enterro dos mortos foram vistas por ele como tendo que ser bastante diferentes daquelas do resto da humanidade.

O relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus não se destaca somente pelo fato de ser possivelmente o primeiro relato grego a respeito dos judeus ao qual temos acesso⁷, mas também por ser uma *interpretatio graeca* a respeito do Êxodo e da formação do Estado judaico, estabelecendo Moisés como uma figura central que engloba aspectos de toda a história da formação do povo judeu. Cabe, portanto, um estudo mais pormenorizado deste personagem no texto de Hecateu. Além de ser apresentado como o grande líder da história judaica, Moisés possui uma série de atribuições no relato, que foram listadas por Bezalel Bar-Kochva (2010: 117):

1. Guiar o povo para uma terra desabitada (depois chamada de Judeia), após a expulsão do Egito (para.3)
2. Fundar Jerusalém e outras cidades (para. 3)
3. Construir o Templo judaico e estabelecer o culto ali (para. 3)
4. Dividir o povo judeu em doze tribos (para. 3)
5. Determinar os fundamentos da peculiar religião judaica: uma crença em um deus, identificado com o céu, e o culto isento de estátuas e imagens (paras. 3-4)
6. Transmitir as leis aos judeus (as leis são consideradas pelos judeus como de origem divina, passadas a eles pela mediação de Moisés) (para. 3)
7. Introdução de uma forma de vida diferente daquela das outras nações, descrita como “algo (ou tanto) distante de [sociedade dos] homens e hostil a estrangeiros” – tudo por causa de um trauma e provação da expulsão do Egito (para. 4);
8. Confiar a liderança futura dos judeus aos sacerdotes, que eram escolhidos pela força de suas qualidades (não sua descendência) e cujas tarefas incluíam não apenas os sacrifícios das vítimas, mas também funções judiciais e supervisão da observância das leis (paras. 4-5)
9. Determinar que os sacerdotes seriam comandados por um sumo-sacerdote, uma posição a ser assumida pelo mais talentoso dos sacerdotes (em certos casos, o sumo sacerdote recebe o direcionamento direto de Deus) (paras. 5-6)
10. Organizar o exército, treinando os jovens para a guerra, e instituindo regras especiais para este fim (para. 6)
11. Liderar campanhas contra os povos vizinhos e distribuir suas terras igualmente entre os judeus, com porções maiores aos sacerdotes, para permitir a estes que cumpram seus deveres públicos (para. 7)

⁷ O único autor que parece concorrer com Hecateu de Abdera neste aspecto é Teofrasto, porém, mesmo que este seja considerado como uma fonte mais antiga por alguns autores, nos deixou um relato curto que se refere aos judeus, de modo que Hecateu permaneceria mesmo assim como “o primeiro autor grego a nos deixar uma descrição relativamente extensa do povo judeu” (Bar-Kochva, 2010: 90) e ainda como “o primeiro escritor grego a escrever mais ou menos realisticamente sobre os judeus” (Tcherikover, 1959: 360). Sobre a questão, cf. meu artigo “Um relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus” (ainda não publicado).

Estas várias atribuições de Moisés ultrapassam seu papel no relato bíblico, incluindo tanto elementos que lhe sucedem como que lhe precedem, assim como outros que realmente lhe cabem. Ao mesmo tempo que algumas atribuições realmente são indicadas a Moisés na tradição judaica, tais como guiar o povo do Egito a Canaã (1)⁸, determinar os fundamentos do culto (5)⁹, transmitir as leis (6)¹⁰, confiar a liderança aos sacerdotes (8)¹¹, e determinar os sumo-sacerdotes (9)¹², foi Josué, seu sucessor, o responsável por guiar o povo até a terra prometida depois da morte de Moisés (1)¹³, liderando as campanhas militares na região de Canaã (11)¹⁴, tendo não somente organizado o exército (10), como ainda dividido as terras conquistadas (11)¹⁵. Esta concentração de atribuições à personalidade de Moisés reflete um *topos* literário típico das representações da figura do fundador de uma *polis* grega (Bar-Kochva, 2010: 120).

Além destas atribuições, Moisés é ainda representado como um líder notável em prudência (*phrónesis*) e bravura (*andreía*), duas qualidades próprias de um fundador-líder-legislador grego (Bar-Kochva, 2010: 124). Como lembrou Bar-Kochva, não se destacam qualidades morais e religiosas tais como a *eusebeia*, que seria esperada pelo aspecto religioso que Moisés tem na tradição judaica¹⁶. Antes, as qualidades referidas a Moisés, assim como as qualidades dos sacerdotes – tidos como homens “mais talentosos e mais capazes” (40.3.4) –, refletem uma perspectiva bastante grega, que é ressaltada no uso do termo “legislador”

⁸ Cf. os livros de Êxodo e Números.

⁹ O culto judaico tem plena relação com as leis, mediante a relação de aliança (*b^erît*) entre Deus e o homem, expressa nos decálogos ético (Êx 20.1-17) e cultural (Êx 34.14-26), transmitidos por Moisés.

¹⁰ As leis dos judeus foram, segundo a tradição judaica, entregues por Moisés ao povo durante a peregrinação no deserto. A autoria dos cinco primeiros livros da *Tanakh*, a *Torá* (Lei) também é atribuída a Moisés, apesar de que as leis são tidas como tendo origem divina. O caso clássico é o dos Dez Mandamentos, cuja autoria é aferida ao próprio Deus (Êx 34.1; Dt 4.13; 5.22; 10.4), mas que foi entregue ao povo por Moisés (cf. Êx 34.27-28).

¹¹ O sacerdócio foi instituído entre Arão, irmão de Moisés, e seus filhos, de modo restritivo (Êx 28.1; Nm 16.40; Dt 10.6), a fim de que tomassem posição de liderança espiritual,

¹² O primeiro sumo sacerdote (Hebraico: *kohen gadol*), segundo o texto bíblico, foi Arão, irmão de Moisés (Êx 28.1-2; 29.4-5), cuja sucessão, segundo o livro de Levítico (6.15) deveria se dar em uma linhagem de descendência. A respeito do sumo sacerdócio, cf. Nm 27.21; 1 Sm 28.6; Ne 7.65. Os sumos sacerdotes eram capacitados a consultar a vontade divina pelo uso do Urim e Tumim, instrumentos de lançar sortes oraculares, cf. Nm 27.21; Ed 2.63.

¹³ Segundo o relato bíblico, Moisés morre no monte Nebo, tendo visto a terra prometida, mas sem ter entrado nesta. Cf. Dt. 34.7.

¹⁴ O livro de Josué apresenta a entrada e tomada de Canaã pelo povo judeu, sob a liderança de Josué.

¹⁵ Cf. Js 13-19.

¹⁶ A piedade de Moisés é representada no relato bíblico pela imagem de Moisés como alguém que se relaciona pessoalmente com Deus, falando com ele face a face. Cf. Dt 34.10; Nm 7.7. É interessante de se notar o paralelo possível (e aparentemente não aproveitado no relato) com a tradição espartana, segundo a qual o oráculo de Delfos designou Licurgo como “amigo de Zeus” (*Zenì phílos*), cf. Heródoto, Histórias 1.65:2.

(*nomothetes*)¹⁷ para se referir a Moisés (40.3.6). Dentre os legisladores gregos, nos parece que Licurgo é um bom exemplo de comparação: assim como Licurgo é o responsável pelas leis espartanas, Moisés é o legislador dos judeus, de modo que as tradicionais atribuições de Licurgo ao duro treinamento militar espartano¹⁸, e a divisão das terras¹⁹, parecem fazer eco nas atribuições de Moisés (10/11)²⁰. Ainda mais importante é a relação direta entre o modo de vida “inospitaleiro” (*misóxenon*) dos judeus (40.3.4) e a *xenelasia* espartana²¹. Segundo Jan Bremmer esta relação não teve autoria grega, senão judaica, de modo que os judeus alexandrinos que foram fonte de Hecateu, “comparando a si mesmos com os xenofóbicos mas ilustres espartanos, (...) tentaram legitimar seu especial estilo de vida” (Bremmer, 2010: 50). Assim sendo, apesar de ser evidente a caracterização grega de Moisés, isto não implica em uma transformação da imagem de Moisés somente por uma *interpretatio graeca* de Hecateu, uma vez que esta reconfiguração pode ter como primeiros autores os próprios judeus no período helenístico, assim como a posterior aferição de uma ancestralidade comum com os espartanos²². O aspecto grego do relato, portanto, não deve pressupor alteração

¹⁷ Aristóteles (Política 2.1274a, e ss.) fala a respeito dos grandes legisladores da Grécia, dentre os quais se destacam alguns: Licurgo de Esparta, Zaleuco de Locri, Carondas de Catânia, Dracon de Atenas e Solon de Atenas. Em geral, as constituições estabelecidas por tais legisladores são indicadas como o resultado de uma crise (Szegedy-Maszak, 1978: 209), tal como Moisés, em decorrência da expulsão do Egito. Mas também, na imagem de Moisés se concretiza a tendência grega de “atribuir a criação de suas várias instituições a uma única pessoa” (Szegedy-Maszak, 1978: 208).

¹⁸ Sobre o treinamento militar espartano, cf. Platão, Leis 628e; Xenofonte, Constituição dos Lacedemônios 11-12; Flávio Josefo, Contra Apião 2.130. Segundo Jan Bremmer (2010: 50), a indicação de um “treinamento militar” de Moisés aos judeus (10), é o resultado de um exagero na construção de uma comparação com os espartanos. A dureza do treinamento (10) também parece remeter ao caso espartano, cf. Stern, 1976: 32; Políbio, Histórias 6.48.3.

¹⁹ Cf. Platão, Leis 684e; Plutarco, Vida de Licurgo 8.3-6; 16.1. Sobre a divisão de terras em Esparta, cf. Hodkinson, 1986.

²⁰ Oswyn Murray defende que Hecateu constrói um “modelo espartano” (Murray, 1970: 158), seguindo a ideia de Werner Jaeger de que Hecateu faz uma idealização da constituição judaica (Jaeger, 1938: 140-143). Erich Gruen afirma que o texto “recorda fortemente a imagem do sistema espartano” (Gruen, 1998: 101). “As várias características sugerem fortemente a situação em Esparta, mesmo que seu nome não seja mencionado” (Bremmer, 2010: 48). Cf. também Momigliano, 1975: 84. A obrigação de criação dos filhos (40.3.8) mencionada por Hecateu não somente parece estar baseada em um elemento da lei judaica, como ainda estabelece uma importante distinção de Esparta, onde havia o infanticídio (*ekthesis*), cf. Plutarco, *Lyc.*, 16. A prática da rejeição de crianças, porém, não era um caso particular de Esparta, estando presente na cultura grega, cf. Patterson, 1985. A criação de todos os filhos será um elemento destacado na cultura judaica (cf. Tácito, Histórias 5.5), assim como na cultura egípcia. Cf. Diodoro Sículo Biblioteca Histórica 1.80:6; Aristóteles, fr. 283 (Rose); etc. Defendemos que Hecateu, portanto, não desejou relacionar os judeus e egípcios, mas antes fazer uma crítica velada à prática grega da *ekthesis*, pela necessidade de mão-de-obra, especialmente para o exército. Cf. Bar-Kochva, 2010: 127 (contra: Schwartz, 2003: 193).

²¹ Ora, a rejeição à mistura com estrangeiros por parte dos judeus é atestada nos seguintes textos: Êx 34.14-16; Dt 7.1-4; Ed 9.1-4; Ne 9.38; 10.1,29-30; 13.23-26. A *xenelasia* espartana é descrita por Xenofonte (Constituição dos Lacedemônios 14.4). Sobre esta, cf. Figueira, 2003.

²² Em 1 Macabeus (12.6-18,20-23; 14.20-23) há três cartas que supostamente foram trocadas entre espartanos e judeus, em decorrência de uma ancestralidade comum entre estes povos (cf. 2 Mac 5.8).

por parte de Hecateu, uma vez que pode ser decorrente da própria cultura helênica dos judeus alexandrinos²³, ou mesmo a um desenvolvimento interno da tradição judaica. A incorporação da construção da cidade de Jerusalém e do Templo na imagem de Moisés (2)²⁴ é um exemplo neste sentido, uma vez que, apesar de poder ter relação com o aspecto cultural grego (fundador-líder-legislador), pode estar relacionada à grande ênfase e importância que as reconstruções de Jerusalém e do Templo por Esdras e Neemias²⁵ tiveram durante os períodos persa e helenístico²⁶, assim como à associação entre Esdras e Moisés pelos próprios judeus²⁷. A grande exceção na imagem de Moisés como legislador é a atribuição à determinação dos fundamentos de uma nova religião (5), uma vez que “nenhum fundador grego jamais inventou uma nova religião, permanecendo fieis aos deuses e culto da metrópole, a cidade mãe” (Bar-Kochva, 2010: 122).

A IMAGEM DE MOISÉS NA TRADIÇÃO EGÍPCIA

O Egito parece ter sido a origem de boa parte das ideias que contribuíram para o antijudaísmo da antiguidade, a exemplo da acusação de que os judeus adoravam a um asno²⁸, ou ainda do relato negativo do Êxodo. A destruição do

Segundo Michael Ginsburg (1938: 120), o rei espartano Areu teria enviado uma carta aos judeus (1 Mac 12.20-23) em decorrência da sua leitura da obra de Hecateu de Abdera. Sobre a suposta familiaridade e as cartas, cf. Gruen, 1996; Ginsburg, 1934; Schüler, 1958; Katzoff, 1985; Rodrigues, 2013; Bremmer, 2010; Amitay, 2007. Cf. também meu artigo “Uma ponte para Roma? O sentido político das cartas entre judeus e espartanos em 1 Macabeus” (ainda não publicado). A imagem espartana também influencia na descrição dos essênios por Josefo. Cf. Mason, 2007.

²³ “O retrato de Moisés (...), a seleção da classe governante por seu destacado mérito e habilidade, e o Êxodo como o estabelecimento de um centro religioso e político assim como o Templo podem ter sido adaptações da narrativa bíblica pelos próprios judeus helenísticos” (Gruen, 1998: 102).

²⁴ Sobre Moisés como fundador de Jerusalém em Hecateu, cf. Moro, 2009.

²⁵ Esdras e Neemias, segundo os relatos dos livros de Esdras e Neemias (2 Esdras), foram os reconstrutores da cidade de Jerusalém e do Templo, atuando sob a permissão de Ciro, cf. Ed 1.3. Sobre a reconstrução, cf. Ed 1.5-13; 4; 5; 7.6-8.30; 9.9; Ne 1-4; 13.4-14; Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* 11.1:1-11.5:8. Os livros de Esdras e Neemias, assim como estes personagens, são centrais na constituição da identidade judaica no período helenístico, cf. Becking, 2011.

²⁶ Cf. Mendels, 1983: 100 (n25 e n30).

²⁷ Doron Mendels (1983: 100n26) lembra que a obra de Esdras e Neemias foi tida sob a ideologia da restauração da “lei de Moisés”, cf. Ed 3.2; 6.18; 7.6,10; 10.3; Ne 1.7-8; 9.3,13-14; 10.30; 13.1-3. A associação entre Esdras e Moisés, porém, se aprofundava ao ponto de Esdras ser considerado como Moisés *redivivus*, cf. Sukkah 20a; Sanhedrin 21b; T.Sanhedrin 4.7; Sotah 48b; Baba Kama 82a; Ketuboh 3a; Berakoth 27b; 20b-22b; Megillah 15a; 31b; 4 Esdras 14.21ss. Neemias também tem relação com Moisés, como seu herdeiro. Cf. Becking, 2011: 97-108.

²⁸ Tal acusação, cuja origem parece remontar mais diretamente a Mnaseas de Patras (séc. II a.C.), ainda estava presente na crítica pagã ao cristianismo. Ainda nos primeiros séculos da era cristã esta acusação era recorrente, de modo que está presente em Plutarco (Questões Conviviais 4.5). A acusação de onolatria atribuída aos judeus passou aos cristãos, estando presente mesmo em Tácito (Histórias V.2-13), assim como na defesa de apologistas cristãos, a exemplo de Tertuliano (Apologética 16; Às nações 1.14) e Mínicus Félix (Otávio 9). Um grafite romano, denominado *Alexamenos graffito*, encontrado próximo da antiga área judaica da cidade de Roma, traz, junto à inscrição “Alexamenos adora [seu] Deus”, um desenho de uma pessoa crucificada tendo cabeça de burro, sendo uma forma de zombaria a um cristão

templo de Elephantine em 410 a.C. também parece ter relações com a oposição entre os sacerdotes egípcios e os judeus (Yavetz, 1993: 21). Mesmo assim, porém, não se pode afirmar que toda o antijudaísmo antigo em geral teve como fonte o Egito, até porque muitas atitudes dos próprios judeus, a exemplo da Revolta dos Macabeus e da Revolta de Bar Kochba, tiveram como resultado uma intensificação da atitude negativa para com os judeus. De toda forma, os judeus não se integraram tanto com a cultura egípcia quanto outros povos, seja por seu caráter “antissocial”, como indicado por Hecateu, ou ainda pela relação que tinham, no Egito, com os governadores estrangeiros²⁹.

Manetão (séc. III a.C.), historiador e sacerdote egípcio, é considerado o primeiro dos pagãos antijudaicos da história³⁰. Sua obra *Aigyptiaka*, que trata da história do Egito, foi escrita para o rei Ptolomeu II Filadelfo (309 a.C. - 246 a.C.), contando “uma história política e religiosa da sua terra nativa de seu começo até a véspera do período helenístico” (Gruen, 1998: 103)³¹. Nesta obra, citada em três excertos por Flávio Josefo a fim de ser criticada, se conta, em seus dois primeiros excertos, a história da invasão do Egito pelos Hicsos, que reinaram durante seis gerações, até serem expulsos para a Síria, onde fundaram a cidade de Jerusalém³². No terceiro excerto, se relata a história de Osarsiph, sacerdote de Heliópolis, que lidera um grupo de leprosos e pessoas poluídas que inicialmente ocupam a cidade de Avaris, dedicada ao deus Tifão, associado a Seth³³, mas que depois empreendem uma rebelião contra os egípcios, contando com o apoio dos cidadãos de Jerusalém. Devido à rebelião, o faraó Amenófis é obrigado a fugir para a Etiópia, onde fica por treze anos, enquanto os rebeldes pilham as terras, queimam as cidades, saqueiam os templos, denigrem as imagens dos deuses, perseguem

chamado Alexamenos. Esta é uma das acusações de Apião que Josefo busca responder, cf. Flávio Josefo, *Contra Apião* 2.81. Menahem Stern indica que esta acusação, cuja primeira fonte é Mnaseas, “nasceu no Egito helenístico, em uma atmosfera hostil aos judeus” (Stern, 1976: 97-98). Sobre esta acusação, cf. Bar-Kochva, 1996a.

²⁹ Além de ter existido uma tendência de associação entre os dominadores persas e os judeus pelos egípcios, também “como um resultado de quase exclusiva afiliação com os governantes gregos eles não se integraram bem com a cultura egípcia local” (Kugler, 2005: 78).

³⁰ Cf. Gruen, 1998: 102, que critica esta posição.

³¹ Sua obra trabalha tanto com fontes egípcias como com fontes gregas, como Heródoto, desenvolvendo uma “mistura das tradições históricas egípcia e grega” (Krebsbach, 2014: 107), de modo que não somente escreveu em grego a partir de fontes egípcias, mas trabalhou dentro da perspectiva da historiografia grega (Dillery, 1999: 97-102), sem estar fora do contexto egípcio (Dillery, 1999: 102-109).

³² Primeiro excerto (invasão dos Hicsos): Flávio Josefo, *Contra Apião* 1.75-90; Thackeray, 1926: 192-199. Stern, 1976: 66-69 (Stern 19). Sobre este relato, cf. Gmirkin, 2006: 170-191. Segundo excerto (expulsão dos Hicsos e dinastias posteriores): Flávio Josefo, *Contra Apião* 1.93-105; Thackeray, 1926: 200-205. Stern, 1976: 74-77 (Stern 20).

³³ A ideia de que os judeus seriam adoradores de Seth-Tifão foi bastante presente nos relatos egípcios e parece ter tido como consequência a acusação de onolatria dos judeus. Cf. nota 106. Sobre a imagem dos judeus como adoradores de Tifão, cf. Van Henten, 1996.

sacerdotes e profetas, e chegam a assar os animais sagrados nos próprios santuários. Após Amenófis retornar ao Egito com um exército de etíopes, os rebeldes são expulsos para a fronteira com a Síria³⁴. Este relato de Manetão difere, evidentemente, tanto do relato bíblico, como do relato de Hecateu (Gruen, 1998: 102), indicando antes ser resultado de uma “tradição egípcia estabelecida” (Gruen, 1998: 106). Segundo Erich S. Gruen, o relato de Manetão não somente “não deriva do Êxodo ou de alguma forma adulterada deste” como ainda “em sua essência, não tem nada a ver com os judeus” (Gruen, 1998: 106). Segundo Gruen, Manetão não relaciona nem os hicsos nem os leprosos aos judeus, mas antes é Flávio Josefo que o faz, lendo seu relato³⁵. Mesmo a indicação de Osarsiph como Moisés³⁶ é, para Gruen, “uma intrusão dissonante na narrativa, uma anomalia gritante que certamente não pertencia ao original” (Gruen, 1998: 105)³⁷. Para Russell Gmirkin (2006), Manetão não tem como fonte o relato judaico do Êxodo, mas a tradição egípcia a respeito de Osarsiph³⁸, o ritual de expulsão de Seth e seus comparsas³⁹, e a lenda de Nectanebos (Gmirkin, 2006: 215-221). De toda forma, porém, o relato de Manetão servirá de base para o desenvolvimento tanto dos relatos do Êxodo pelos egípcios, como ainda da imagem de Moisés nestes.

Lisímaco (sécs. II-I a.C.), é tido como o escritor egípcio com a tendência antijudaica mais explícita (Stern, 1976: 382), pois nele, mais do que em qualquer outro autor, Moisés e os judeus aparecem como verdadeiros vilões na história egípcia. Em seu relato, também citado por Flávio Josefo⁴⁰, o Êxodo se deu quando o faraó Bocchoris, seguindo o direcionamento divino pelo oráculo de Ammon, expulsou os leprosos e vítimas de escorbuto que mendigavam nos templos para o deserto e o mar, onde foram afogados. Os que sobreviveram foram guiados por um tal de Moisés, que lhes instruiu a não mostrar boa vontade a nenhum homem, a dar maus conselhos, e a destruir todos os templos e altares dos deuses que

³⁴ Flávio Josefo, *Contra Apíão* 1.230-251; Thackeray, 1926: 258-265. Stern, 1976: 78-83 (Stern 21). Sobre este relato, cf. Gmirkin, 2006: 192-214.

³⁵ “Manetão de fato explicitamente distingue as pessoas poluídas que são egípcias dos jerusalemitas que vêm em sua ajuda” (Gruen, 1998: 105). Manetão fala dos Hicsos (*Contra Apíão* 1.82), mas é Flávio Josefo que os relaciona com os judeus, cf. Flávio Josefo, *Contra Apíão* 1.228-1229; Gruen, 1998: 103.

³⁶ Flávio Josefo, *Contra Apíão* 1.238-240.

³⁷ Neste ponto, acompanha John G. Gager (1972: 117).

³⁸ A tradição egípcia não se referia a um judeu, mas antes a um sacerdote egípcio (Gmirkin, 2006: 209). Isto pode explicar o surgimento da tradição que Moisés seria um egípcio e não um judeu, presente nos autores egípcios.

³⁹ A tradição de expulsão de Seth remonta ao mito de Hórus, que quando chega à idade adulta, expulsa Seth, assassino de seu pai, cf. Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 1.21.3; Plutarco, *De Ísis e Osíris* 19.358 B-F. Este padrão mítico é utilizado no relato do Êxodo por Querémon, como lembra Gmirkin (2006: 202n51), de modo que Ramsés, filho de Amenófis, expulsa os judeus quando chega à idade adulta (como se verá a seguir).

⁴⁰ Flávio Josefo, *Contra Apíão* 1.304-311; Thackeray, 1926: 284-289; Stern, 1976: 383-385 (Stern 158).

encontrassem. Chegando às terras habitadas, maltrataram as populações e queimaram os templos, até chegarem à Judeia, onde se estabeleceram e construíram uma cidade chamada *Hierosyla*, pela propensão sacrílega que possuíam, depois mudando o nome para *Hierosolyma*, para evitarem imputação vergonhosa⁴¹. Segundo Josefo, Lisímaco ultrapassa outros autores como Manetão “na incredibilidade de suas ficções, obviamente compostas com ânimo amargo”⁴². Ora, as expropriações de objetos egípcios assim como a destruição dos templos pagãos em Canaã fazem parte dos próprios relatos bíblicos⁴³, mesmo que sejam negadas por Josefo⁴⁴.

Querémón (séc. I d.C.), era um historiador, gramático e filósofo estóico de Alexandria⁴⁵. Segundo este autor, o rei Amenófis foi impelido pela deusa Ísis a limpar a população da contaminação, expulsando uma enorme multidão de pessoas infectadas, dentre os quais Moisés e José, que lideraram o grupo. Saindo do Egito, o grupo encontrou uma multidão que se dirigia para o Egito e, juntando forças, expulsaram Amenófis para a Etiópia, sendo somente derrotados pelo filho deste, Ramsés, que lhes faz fugir para a Síria⁴⁶. O relato de Querémón parece mais o resultado de uma confusão do que de uma atitude antijudaica⁴⁷, de modo que apresenta, apesar de certas similaridades com Manetão (Amenófis/Etiópia/Síria), diferenças marcantes⁴⁸ com Lisímaco e ainda outros autores como Apião (Gruen, 1998: 112), que será tratado em seguida.

Apião (c20 a.C. - c45 d.C.) foi um famoso⁴⁹ gramático egípcio, estudioso de

⁴¹ Lisímaco indica que o nome *Hierosólyma* teria como origem o verbo grego *íerosylein*, “saquear templos”. Cf. Stern, 1976: 382-388; Bar-Kochva, 2010: 334. Como bem indicado por Paul J. Kosmin, o nome grego da cidade de Persépolis (*Persépolin*) também era indicado como tendo relação com o saque de templos, sendo conectado com *pérsai*, que é tanto o plural do substantivo próprio, “persas”, quanto o infinitivo ativo do aoristo do verbo *pérthein*, “saquear”. Cf. Kosmin, 2016: 44.

⁴² Flávio Josefo, *Contra Apião* 1.304.

⁴³ Os objetos egípcios levados pelos judeus no Êxodo são mencionados em: Êx 3.21-22; 11.2-3; 12.35-36.

⁴⁴ Negação da tomada dos objetos egípcios: Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* 2.314. Cf. Fílon, *Vida de Moisés* 1.140-142. Negação da destruição de templos pagãos: Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* 4.207; *Contra Apião* 2.237. Cf. Fílon, *Vida de Moisés* 2.205. Segundo Joel Stevens Allen esta negação de Josefo se relaciona com a imagem de Moisés no seu relato: “o julgamento do Egito, o favor sobre os judeus, e o despojo do Egito estão todos perdidos do deslumbre da glória atribuída a Moisés” (Allen, 2008: 129). A justificativa a respeito do pretenso respeito judaico aos templos pagãos se dava mediante a tradução de Êxodo 22.28 na Septuaginta, traduzindo *Elohim* como “deuses” (*theós*). Sobre esta tradução, cf. Van der Horst, 1993. Sobre a questão do despojamento do Egito na tradição judaica, cf. Allen, 2008 – esp. Fílon (pp. 91-118), Josefo (pp. 119-136).

⁴⁵ Sobre Querémón, cf. especialmente: Van der Horst, 1984.

⁴⁶ Flávio Josefo, *Contra Apião* 1.288-292; Thackeray, 1926: 278-281; Stern, 1976: 419-421 (Stern 178).

⁴⁷ Segundo Gruen, “revela mais confusão que hostilidade” (Gruen, 1998: 112). De fato, o próprio Josefo se utiliza deste aspecto de confusão para criticar o autor, cf. Flávio Josefo, *Contra Apião* 1.293-303.

⁴⁸ A principal diferença parece ser a deusa Ísis no relato, que possivelmente faz eco à tradição presente no papiro CPJ III,520, cf. Gruen, 1998: 122n106.

⁴⁹ Cf. Sêneca, *Epístolas Morais* 88.40.

Homero. Sendo o responsável por uma delegação enviada ao imperador Calígula em 38 d.C. a fim de reclamar dos privilégios que os judeus possuíam em Alexandria⁵⁰, deu nome à obra *Contra Apionem* de Flávio Josefo, dedicada como resposta ao ataque deste egípcio contra os judeus (ou seus privilégios). Em sua obra *Aigyptiaka*, tratou dos judeus⁵¹, relatando a respeito de Moisés. Josefo indica que no terceiro livro desta obra, Apião declara o seguinte⁵²:

[10] (...) Moisés, como ouvi de idosos no Egito, era um nativo de Heliópolis que, estando comprometido com os costumes de seu povo, erigiu casas de oração, ao ar livre, nos vários distritos da cidade, todas voltadas ao leste, sendo esta também a orientação de Heliópolis.

[11] Em lugar de obeliscos, erigiu pilares, debaixo dos quais havia um modelo de barco, e a sombra que esta estátua fazia um círculo correspondendo ao curso do sol nos céus.

A presença de vários elementos repetidos nos relatos relativos a Moisés entre os egípcios acabou por estabelecer padrões literários. Dentre estes, alguns são relativos à imagem de Moisés (Hata, 1987: 181):

- 1) Moisés era um egípcio, sacerdote ou escriba (Manetão, Querémom, Apião);
- 2) Moisés era um leproso (Manetão);
- 3) Moisés tinha originalmente outro nome (Manetão, Querémom);
- 4) Moisés pregou o ateísmo aos egípcios (Lisímaco);
- 5) Moisés era um charlatão com maus ensinamentos (Lisímaco, Apolônio Molon⁵³).

Apesar do aspecto negativo nos relatos egípcios, certos elementos incorporados nestes podem ter tido origens judaicas, a exemplo de Moisés como leproso⁵⁴, assim como elementos neutros como a relação com a Etiópia. Estes padrões literários culminaram em influências sobre autores greco-romanos, que muitas vezes terão acesso à história judaica indiretamente pelos autores egípcios, que, relatando o Êxodo, escreviam não somente sobre sua própria história, mas também sobre a história dos judeus.

⁵⁰ Enquanto Apião defendeu os egípcios, o filósofo Fílon de Alexandria defendeu os judeus na questão levada a Calígula, cf. Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* 18.257ss.

⁵¹ Segundo Clemente de Alexandria (*Stromata* 1.21.101.3-4), Apião escreveu uma obra sobre os judeus. Todos os fragmentos que temos, porém, citados por Josefo, são de sua *Aegyptiaka*.

⁵² Flávio Josefo, *Contra Apião* 2.1-11; Thackeray, 1926: 292-297; Stern, 1976: 392-394 (Stern 164).

⁵³ Para os relatos de Apolônio Molon sobre os judeus, cf. Stern, 1976: 148-156 (XXIX).

⁵⁴ Segundo o relato do Êxodo, Deus concedeu a Moisés a habilidade de tornar sua mão leprosa (e saudável novamente) quando colocada em seu peito, como sinal para o faraó (Êx 4.6-7). Gmirkin (2006: 212n96) lembra que havia o mito de que Hórus havia deixado sua mão leprosa quando a colocou nas coxas de Seth, tendo Ísis lhe concedido uma mão saudável.

A IMAGEM DE MOISÉS NA LITERATURA GRECO-ROMANA

Um dos principais autores greco-romanos a escrever sobre Moisés foi Estrabão (63 a.C.-24 d.C.), historiador, geógrafo e filósofo grego, especialmente conhecido por sua obra *Geographia*⁵⁵. Sua imagem de Moisés segue de perto o relato de Hecateu em diversos aspectos⁵⁶, especialmente no que diz respeito à religião judaica criada por Moisés⁵⁷, marcada pela ausência de imagens e pela adoração do Céu como divindade:

Um sacerdote egípcio chamado Moisés (...) declarou e ensinou (...) que os gregos também estavam errados em fazer imagens de seus deuses em forma humana. Pois apenas este é Deus: o que cerca todos nós assim como a terra e o mar, [aquilo] que chamamos de céu, de cosmos, e de natureza de todas as coisas (...)⁵⁸

Moisés, portanto, preserva em Estrabão o aspecto filosófico que tem em Hecateu e na tradição judaica, ao mesmo tempo que é indicado como um sacerdote egípcio, um aspecto ausente no relato de Hecateu – que lhe coloca entre os estrangeiros expulsos –, mas que estará presente na tradição egípcia (Manetão?, Querémom, Apião). Assim, apesar de apresentar uma imagem positiva de Moisés, esta não acompanha toda sua ideia a respeito dos judeus, que se encontraram em progressiva deterioração (Gruen, 1998: 96).

Pompeu Trogo (séc. I a.C.)⁵⁹, um gaulês romanizado, tendo escrito em latim no tempo de Augusto, compôs uma grande obra a respeito das relações entre gregos e orientais, especialmente sobre as monarquias helenísticas (Gruen, 1998: 97), na qual, quando relata a respeito de Antíoco, faz uma digressão a respeito das origens dos judeus⁶⁰, afirmando que são provenientes de Damasco, na Síria⁶¹. Neste relato, apesar de indicar os judeus como sírios, conta a história de José, vendido pelos seus irmãos como escravo, tal como no relato bíblico, e lhe aponta

⁵⁵ Esta obra (Grego: *Geographiká*) chegou aos dias atuais praticamente completa, com exceção do livro VII.

⁵⁶ A respeito de Hecateu como fonte de Estrabão, cf. Bar-Kochva, 2010: 356n1, 363-364, 376, 379; Ludlam, 2010: 534-535; Gager, 1972: 41.

⁵⁷ Sobre a imagem de Moisés e sua religião em Estrabão, cf. Ludlam, 2010. Para os relatos de Estrabão sobre os judeus, cf. STERN, 1976: 261-315 (XLII); Van der Horst, 1984.

⁵⁸ Estrabão, Geografia 16.2.35; Jones, 1930: 282-283. Seguimos a tradução em: Ludlam, 2010: 525 (abreviada).

⁵⁹ Para os relatos de Pompeius Trogus a respeito dos judeus, cf. Stern, 1976: 332-343 (XLVII).

⁶⁰ Este relato de Pompeius Trogus foi preservado em Justino, Histórias Filípicas 36 Epítome 1.9-3.9; Stern, 1976: 334-338 (Stern 137).

⁶¹ Justino, História Filípicas 36 Epítome 2.1. Trogo parece seguir uma tradição historiográfica que identifica os judeus como sírios e aparentemente remonta a Heródoto, que menciona os “sírios da Palestina” (*Syrioi oi èn tê Palaistíne*), possivelmente uma referência aos judeus. Heródoto também utiliza as expressões *Palaistíne Syría* (Heródoto, Histórias 1.105; 2.106) e *Syríe è Palaistíne* (3.91; 4.39). Outros exemplos são: Teofrasto (História das Plantas 9.1.6; 9.6.1-4), Ovídio (Arte de Amar 1.75-76).

como pai de Moisés⁶², diferindo da Bíblia. Em seu relato, Moisés é o líder dos leprosos expulsos do Egito que fogem com utensílios sagrados dos egípcios (que não os recuperam por causa de uma tempestade) para a cidade de Damasco, de onde Moisés parte para tomar o monte Sinai. Segundo Trogo, Arruas, filho de Moisés, é feito sacerdote e rei, combinando justiça e religião. É interessante que, apesar de Trogo indicar certo conhecimento do relato judaico – conhece a história de José, o monte Sinai, e mesmo a instituição do sábado como comemoração do Êxodo⁶³ –, traz consigo a ideia da expulsão dos leprosos, tão presente nos relatos egípcios, mas que em Trogo é “puramente questão de estilo, sem ter tom polêmico” (Gruen, 1998: 98), sendo o grande exemplo que rompe com a usual dicotomia entre relatos apologéticos e antijudaicos do Êxodo⁶⁴, evidenciando a possibilidade de autores greco-romanos utilizarem tanto a tradição judaica quanto a tradição egípcia como fontes. Também, estas mesmas tradições não eram estáticas, mas antes fluidas, como os exemplos demonstraram⁶⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças na imagem de Moisés nos relatos egípcios e greco-romanos indicam a complexidade das relações interculturais no mundo helenístico, marcado por um processo de fusão e difusão cultural, no qual não somente aspectos da cultura grega, como ainda de outras culturas – mesmo orientais – tiveram circularidade. O mundo helenístico, portanto, não foi marcado por uma imposição da cultura grega ou por uma adaptação cega das demais culturas aos moldes gregos, mas por transformações e reformulações, até mesmo para afirmação cultural. No caso da imagem de Moisés, as transformações nos relatos não resultaram somente dos conflitos culturais entre judeus e egípcios, mas também das interpretações greco-romanas e mesmo da necessidade de os judeus expressarem sua tradição em um formato e mediante padrões que tivessem compreensão e valor por parte de outras culturas. O desenvolvimento da imagem

⁶² Justino, Histórias Filípicas 36 Epítome 2.11.

⁶³ Apesar de Êxodo 20.8-11 indicar a guarda do sábado como decorrente do descanso de Deus no sétimo dia, Deuteronômio 5.12-15 indica o Êxodo como causa desta prática. Cf. Sanders, 1992: 208. Segundo Apião, o nome do sábado provém da palavra egípcia *sabbatosis*, referente a doença na virilha, tendo sido instituído quando, após seis dias de caminhada o povo estava com doenças nas virilhas, e teve descanso no sábado (Flávio Josefo, Contra Apião 2.21).

⁶⁴ Erich S. Gruen lembra que mesmo o roubo dos utensílios sagrados não deve ser indicado como um elemento antijudaico, uma vez que segundo o próprio relato bíblico, os judeus levaram vários bens dos egípcios. Cf. Êx 3.21-22; 11.2-3; 12.35-36.

⁶⁵ Tácito (Histórias 5.3.1-2), por exemplo, apresenta um relato com elementos presentes em vários autores egípcios (Gruen, 1998: 112), de modo que “transmite a tradição que foi repetidamente manipulada, modificada e reformada” (Gruen, 1998: 113).

de Moisés em moldes gregos dentro da literatura helenística, portanto, teve o propósito de fazer o relato do Êxodo e a história judaica compreensíveis para um público greco-romano. Moisés, desta forma, se torna um leproso charlatão e sacrílego, por um lado, enquanto por outro é um legislador ao estilo grego, um filósofo, sendo um exemplo ideal para evidenciar a vivacidade da literatura helenística, assim como as interações culturais no mediterrâneo helenístico.

Documentação

CHAEREMON. "Fragmenta", In: VAN DER HORST, Pieter W. *Chaeremon, Egyptian Priest and Stoic Philosopher: The fragments collected and translated with explanatory notes*. Leiden: Brill, 1984, p. 8-46.

JONES, Horace Leonard. *The Geography of Strabo in eight volumes*. Volume VII: Books 15-16. With an English translation by Horace Leonard Jones. London/New York: William Heinemann/G. P. Putnam's Sons, 1930. (The Loeb Classical Library).

REINACH, Théodore. *Textes d'auteurs grecs et romains relatifs au judaïsme*. Reunis, traduits et annotés par Théodore Reinach. Paris: Ernest Leroux, 1895. (Fontes rerum Judaicarum).

STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Edited with Introductions, Translations, and Commentary by Menahem Stern. Volume 1: From Herodotus to Plutarch. Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976.

THACKERAY, H. St. J. *Josephus in eight volumes*. Volume I: The Life/Against Apion. With an English translation by H. St. J. Thackeray. London/New York: William Heinemann/G. P. Putnam's Sons, 1926. (The Loeb Classical Library).

WALTON, F. R. *Diodorus of Sicily*. Volume 12. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1967. (Loeb Classical Library, 409).

Bibliografia

ALLEN, Joel Stevens. *The Despoliation of Egypt: in Pre-Rabbinic, Rabbinic and Patristic Traditions*. Leiden/Boston: Brill, 2008.

AMITAY, Ory. "Some Ioudaio-Lakonian Rabbis", *Scripta Classica Israelica*, Vol. 26, p. 131-134, 2007.

BAR-KOCHVA, Bezalel. "An Ass in the Jerusalem Temple – The Origins and Development of the Slander", In: FELDMAN, Louis H.; LEVISON, John R. (eds.). *Josephus' Contra Apionem: Studies in its Character and Context with a Latin Concordance to the portion missing in Greek*. Leiden/New York/Köln: E. J. Brill, 1996a, p. 310-326.

_____. *Pseudo-Hecataeus, "On the Jews"*: Legitimizing the Jewish Diaspora. Berkeley: University of California Press, 1996b.

_____. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010.

BECKING, Bob. *Ezra, Nehemiah, and the Construction of Early Jewish Identity*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

BREMMER, Jan N. "Spartans and Jews: abrahamic cousins", In: GOODMAN, Martin; VAN KOOTEN, George H.; VAN RUITEN, Jacques T. A. G. M. *Abraham, the Nations, and the Hagarites: Jewish, Christian, and Islamic perspectives on Kinship and Abraham*. Leiden: Brill, 2010, p. 47-59.

DILLERY, John. "The First Egyptian Narrative History: Manetho and Greek Historiography", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Vol. 127, p. 93-116, 1999.

FIGUEIRA, T. "Xenelasia and Social Control in Classical Sparta", *Classical Quarterly*, Vol. 53, p. 44-74, 2003.

GABBA, Emilio. "The Growth of the Anti-Judaism or the Greek Attitude towards the Jews", In: DAVIES, W. D.; FINKELSTEIN, Louis. (eds.). *The Cambridge History of Judaism*. Volume Two: The Hellenistic Age. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 614-656.

GAGER, John G. *Moses in the Greco-Roman Paganism*. Nashville: Abigdon Press, 1972.

GINSBURG, Michael S. "Sparta and Judaea", *Classical Philology*, Vol. 29, p. 117-120, 1934.

GMIRKIN, Russell E. *Berosus and Genesis, Manetho and Exodus: Hellenistic Histories and the Date of the Pentateuch*. New York/London: T&T Clark, 2006. (Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, 433).

GRUEN, Erich S. "The Purported Jewish-Spartan Affiliation". In: WALLACE, R. W.; HARRIS, E. M. (eds). *Transitions to Empire: essays in Greco-Roman History, 360-146 b.C., in honour of E. Badian*. Norman/London: University of Oklahoma Press, 1996, p. 254-269.

_____. "The Use and Abuse of the Exodus Story", *Jewish History*, Vol. 12, No. 1, p. 93-122, Spring 1998.

HATA, Gohei. "The Story of Moses Interpreted within the Context of Anti-Semitism", In: FELDMAN, Louis H.; HATA, Gohei. (eds.). *Josephus, Judaism, and Christianity*. Leiden: E. J. Brill, 1987. p. 180-197.

HODKINSON, Stephen. "Land Tenure and Inheritance in Classical Sparta", *Classical Quarterly*, New Series, Vol. 36, No. 2, p. 378-406, 1986.

JAEGER, Werner. "Greeks and Jews: The first Greek records of Jewish religion and civilization", *Journal of Religion*, Vol. 18, No. 2, p. 127-143, April 1938.

KATZOFF, Ranon. "Jonathan and Late Sparta", *American Journal of Philology*, Vol. 106, No. 4, p. 485-489, Winter 1985.

KOSMIN, Paul J. "Indigenous revolts in 2 Maccabees: the persian version", *Classical Philology*, Vol. 111, p. 32-53, 2016.

KREBSBACH, Jared. "Herodotus, Diodorus, and Manetho: An Examination of the influence of Egyptian Historiography on the Classical Historians", *New England Classical Journal*, Vol. 41, No. 2, p. 88-111, 2014.

KUGLER, Rob. "Hearing the Story of Moses in Ptolemaic Egypt: Artapanus accommodates the tradition", In: HILHORST, Anthony; VAN KOOTEN, George H. (eds.). *The Wisdom of Egypt: Jewish, Early Christian, and Gnostic Essays in Honour of Gerard P. Luttikhuisen*. Leiden/Boston: Brill, 2005. (Ancient Judaism and Early Christianity, 59), p. 67-80.

LUDLAM, Ivor. "Appendix: The God of Moses in Strabo", In: BAR-KOCHVA, Bezalel. *The Image of the Jews in Greek Literature: The Hellenistic Period*. Berkeley: University of California Press, 2010, p. 525-541.

MASON, Steve. "Essenes and Lurking Spartans in Josephus' *Judean War*: From Story to History", In: RODGERS, Zuleika. (ed.). *Making History: Josephus and Historical Method*. Leiden/Boston: Brill, 2007, p. 219-261.

MENDELS, Doron. "Hecataeus of Abdera and a Jewish »patrios politeia« of the Persian Period (Diodorus Siculus LX, 3)", *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Vol. 95, No. 1, 1983, p. 96-110.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Alien Wisdom: The Limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

MORO, Caterina. "Mosè fondatore di Gerusalemme", *Studi e materiali di storia della religione*, Vol. 75, No. 1, p. 117-131, 2009.

MURRAY, Oswyn. "Hecataeus of Abdera and Pharaonic Kingship", *Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 56, p. 141-171, Aug. 1970.

PATTERSON, Cynthia. "'Not Worth of Rearing': The Causes of Infant Exposure in Ancient Greece", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 115, p. 103-123, 1985.

RODRIGUES, Nuno Simões. "O que tem Esparta que ver com Jerusalém? A construção de um mito helenístico", *Humanitas*, Coimbra, Vol. LXV, p. 109-122, 2013.

SANDERS, E. P. *Judaism: Practice and Belief, 63 BCE – 66 CE*. London/Philadelphia: SCM Press/Trinity Press International, 1992.

SCHÄFER, Peter. *Judeophobia: Attitudes toward the Jews in the Ancient World*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

SCHWARTZ, Daniel R. "Diodorus Siculus 40.3 – Hecataeus or Pseudo-Hecataeus?", In: MOR, Menahem; OPPENHEIMER, Aharon; PASTOR, Jack; SCHWARTZ, Daniel R. (eds). *Jews and Gentiles in the Holy Land in the Days of the Second Temple, the Mishnah and the Talmud: a collection of articles*. Jerusalem: Yad Ben-Zvi Press, 2003, p. 181-197.

SZEGEDY-MASZAK, Andrew. "Legends of the Greek Lawgivers", *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, Vol. 19, 1978. pp. 199-209.

TCHERIKOVER, Victor. *Hellenistic Civilization and the Jews*. Philadelphia/Jerusalem: The Jewish Publication Society of America/The Magness Press/The Hebrew University, 1959.

_____. "Thou Shalt Not Revile the Gods': The LXX Translation of Ex. 22:28, its background and influence", *Studia Philonica Annual*, Vol. 5, p. 1-8, 1993.

VAN HENTEN, Jan Willem; ABUSCH, Ra'anan. "The Depiction of the Jews as Typhonians and Josephus' strategy of refutation in *Contra Apionem*", In: FELDMAN, Louis H.; LEVISON, John R. (eds.). *Josephus' Contra Apionem: Studies in its Character and Context with a Latin Concordance to the portion missing in Greek*. Leiden/New York/Köln: E. J. Brill, 1996, p. 271-309.

YAVETZ, Zvi. "Judeophobia in Classical Antiquity: A Different Approach", *Journal of Jewish Studies*, Vol. 44, p. 1-22, 1993.